

**HERNAN HOURCADE**

**O ENSINO DOS ESPORTES COLETIVOS  
NA ESCOLA**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**1998**

**HERNAN HOURCADE**



**O ENSINO DOS ESPORTES COLETIVOS  
NA ESCOLA**

Monografia apresentada à disciplina  
Seminário de Monografia II, como  
exigência parcial para a obtenção do  
título de licenciado em Educação  
Física, sob orientação do Prof. Dr.  
Jocimar Daolio.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

**1998**

## SUMÁRIO

<i>Introdução</i> .....	05
I. Esporte: a relevância do seu ensino na escola.....	08
II. O ensino dos esportes e seus problemas.....	14
III. Algumas considerações para o ensino dos esportes coletivos na escola.....	22
<i>Considerações finais</i> .....	35
<i>Referências bibliográficas</i> .....	38

## **AGRADECIMENTOS**

A todos que, de alguma maneira,  
tornaram possível este momento.

Especialmente

ao Jocimar, pela compreensão;

à minha família, pela força que  
sempre me deu;

e à Claudia, pela paciência que teve  
nestes últimos meses.

## INTRODUÇÃO

Os esportes e, principalmente, o seu ensino nas aulas de Educação Física escolar têm gerado amplas discussões no meio acadêmico, contribuindo para a produção de um grande número de publicações a respeito. Várias questões têm sido abordadas, revelando diferentes enfoques, onde podemos destacar: as razões para ensinar ou não os esportes (que vão desde motivações político-ideológicas à formação intelectual e humana e ao desenvolvimento técnico e físico dos alunos); as consequências positivas e negativas; o momento em que deveriam ser ensinados (séries, idade); qual o conteúdo a ser desenvolvido e qual metodologia deve ser empregada. Todavia, observamos que em boa parte dos casos, discutem-se os meios para o ensino apenas dos fundamentos de cada modalidade, como se só estes garantissem o acesso dos alunos a este fenômeno cultural.

Todas estas discussões têm colaborado para mostrar e debater os problemas relativos ao ensino dos esportes nas escolas e sugerir soluções. No entanto, a contribuição de tais discussões tem sido ainda limitada para o que acreditamos ser o seu propósito principal: auxiliar os professores a elaborar novos métodos de ensino mais eficazes que favoreçam o processo de aprendizagem dos esportes por todos os alunos.

O fato é que hoje a escola não consegue ensinar este conteúdo da cultura corporal, e o que vemos é a aula de Educação Física ser transformada em apenas um espaço para a prática de esporte, principalmente para os que já sabem, ou no máximo um espaço para se aperfeiçoar os fundamentos específicos das modalidades esportivas.

O esporte, sendo um fenômeno histórico-social da maior relevância e, além disso, um direito de todos, requer urgentemente a discussão de uma pedagogia capaz de inserir o aluno neste componente da cultura corporal, não apenas como espectador crítico e consciente mas também como praticante efetivo deste.

E é isto que estaremos abordando neste trabalho. Não buscamos especificamente elaborar uma metodologia de ensino, pois isto exigiria um estudo mais aprofundado sobre o assunto, mas sim apontar possíveis caminhos para uma futura proposta pedagógica para o ensino dos esportes coletivos nas aulas de Educação Física escolar, especialmente para as primeiras séries (1<sup>a</sup> à 4<sup>a</sup>) do ensino fundamental.

No primeiro capítulo estaremos discutindo o esporte dentro do contexto escolar, com questões como a relevância do seu ensino nas aulas de Educação Física e a partir de quando (qual série) deve começar. A seguir, no segundo capítulo, iremos tratar da situação atual do ensino do esporte nas escolas, seus problemas e dificuldades e o que vem sendo

feito e proposto no sentido de melhorá-la. No terceiro capítulo abordaremos uma sugestão de como podemos mudar a presente condição, quais conteúdos utilizar e como ensiná-los, principalmente nas primeiras séries do ensino fundamental.

## **I. ESPORTE: A RELEVÂNCIA DO SEU ENSINO NA ESCOLA**

Variadas críticas surgem quanto ao ensino de esportes nas escolas, que vão desde aspectos de cunho político-ideológico, tais como as de Brohm (apud Oliveira, 1997), que considera o esporte um meio de exercício de poder do Estado, trazendo características alienantes e doutrinadoras, idealizando o rendimento físico; ou ainda, críticas mais específicas como as de Moreira (1986), que considera que o ensino esportivo se traduz numa atividade mecânica e repetitiva, quando a Educação Física deveria incentivar a criatividade e o espírito crítico dos alunos.

Esta visão pode ser considerada equivocada uma vez que o ensino dos esportes não deve ser necessariamente uma atividade meramente mecânica e repetitiva, limitando-se apenas à transmissão de diversos gestos motores. Está aí um dos principais papéis do professor: criar estratégias de ensino que estimulem e incentivem a autonomia das crianças, incluindo-se aí o desenvolvimento da criatividade e do senso crítico.

Embora, de forma geral, o esporte venha sendo atualmente desenvolvido na escola de forma mecânica, acrítica, descompromissada e limitada, Finck (1994) acredita que este, sendo um elemento

importante da Educação Física escolar, tenha um grande potencial, desde que utilizado de forma mais ampla, contextualizada, compromissada, e responsável pelo educador.

Para Freire (1996), os esportes são um rico patrimônio da Humanidade, constituindo opção de lazer importante para populações de todo o mundo, sendo o seu ensino então revestido de grande importância. O esporte não só é um fenômeno sócio-cultural como também um direito do cidadão (Paes, 1996) e o seu ensino pode dar oportunidade de acesso a um maior número de crianças em relação a esse fenômeno, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e competentes para discuti-lo.

Acreditamos, então, não proceder a discussão sobre o esporte ser ou não ser ensinado na escola pois este é um elemento altamente significativo da cultura corporal, portanto conteúdo indispensável a ser tratado pela Educação Física escolar, assim como a dança, a ginástica, o jogo e a luta. A questão é a partir de quando, ou que série, o esporte, e principalmente o esporte coletivo, objeto de estudo deste trabalho, deve ser ensinado, e qual a metodologia a ser empregada neste ensino.

Diversos educadores opõe-se ao ensino dos esportes nas primeiras séries do ensino fundamental (1ª à 4ª). Alguns acreditam que as crianças não estariam com suas habilidades motoras suficientemente

desenvolvidas para o aprendizado esportivo. Outros afirmam que as crianças não estariam preparadas psicologicamente para lidar com o elemento competitivo presente no jogo, considerado altamente prejudicial nesta faixa etária. Por fim, outros argumentam no sentido de se evitar uma especialização precoce na prática de algum esporte, o que também poderia ser prejudicial às crianças.

Moreira (1986), pelas razões já anteriormente citadas, mostra-se contrário ao ensino esportivo nas escolas nas primeiras séries (1ª à 4ª). Se ao ensinarmos esportes aos alunos estivermos observando atletas e não crianças, realmente será prejudicial a elas. No entanto, acreditamos numa pedagogia em que se respeitem os limites e as necessidades do aluno.

A nosso ver, quanto mais cedo (a partir da 1ª série) começar a ser ensinado o esporte, melhor. Desde cedo a criança está em contato com o esporte, seja pela televisão, pelo clube ou na rua. De alguma maneira a criança participa de atividades que para ela representam algum esporte, quando jogam futebol, por exemplo. Visto assim, como uma prática da cultura corporal já adquirida pela criança desde cedo, nada mais sensato que o esporte faça parte do conteúdo da Educação Física escolar já nas primeiras séries do ensino fundamental. Além disto, dizer que as crianças, nesta faixa etária, não estão preparadas fisiologicamente e

cognitivamente para o ensino dos esportes é no mínimo menosprezá-las, visto que elas já o praticam fora do ambiente escolar. Não podemos nos esquecer que as crianças já têm algum nível de experiência e conhecimento próprios que devem ser levados em conta, aproveitados e respeitados.

Um outro aspecto que também vem sendo debatido dentro do ensino dos esportes na escola é o seu caráter competitivo. De acordo com Martins (1997), pode-se observar que alguns setores da prática pedagógica ressaltam os efeitos negativos da competição presente em jogos e brinquedos infantis, os quais estariam reproduzindo a sociedade capitalista e individualista em que vivemos. Esta competição porém, só é negativa enquanto for conduzida nesta direção e não pelo fato de ser parte integrante do jogo, como Freire (1989, p.159) nos diz:

“Se a competição assume na sociedade, o caráter predatório que observamos atualmente, não é por culpa do jogo e nem será suprimindo deste o aspecto competitivo que o problema desaparecerá “.

Portanto, não podemos contestar que a competição faz parte do esporte, não há como negá-la. Se não houver competição não há esporte.

Cabe então ao professor a responsabilidade de lidar com ela de forma positiva e não procurar ignorá-la (Martins, 1997).

Devemos também levar em conta que não só no esporte existe competição, ela está presente em quase todas as atividades humanas, seja entre indivíduos da mesma espécie, contra outras espécies, consigo mesmo, faz parte de nossa cultura. Podemos dizer que sem competição a espécie humana não teria chegado até os dias atuais. Tani (1988) considera ainda a competição um processo social que não pode ser eliminado ou indevidamente ressaltado, mas sim orientado de forma a melhorar as relações humanas. Já Sérgio (1985) vai além disto, destacando a importância de promover a competição nas aulas de Educação Física por esta oferecer a oportunidade de encaminhar o aluno à superação de seus próprios limites.

Entendendo então a competição como parte integrante do esporte é necessário que esta esteja presente no seu ensino. O que pode ser discutido, citando Freire (1996, p.43), *“é a maneira pela qual a educação administra a competição ao ensinar esporte”*. É importante evitar sua supervalorização, incluindo este tema nas discussões com os alunos. Esta precaução é válida especialmente com os alunos das séries iniciais, por serem nestes maiores as possibilidades de frustração com o

insucesso, fazendo com que os mesmos passem a não gostar de esportes e a evitar a sua prática.

Cabe observar que nada impede que a competição seja saudável, pois esta também apresenta virtudes educativas dependendo de como ela é tratada, em especial nos esportes coletivos, quando se pode considerar o trabalho em equipe como peça chave na competição. O trabalho em equipe faz parte da vida e do cotidiano de todos, adultos e crianças. Aprender a colaborar e participar com os outros, aprender a dividir responsabilidades por erros e acertos, triunfos e derrotas, aprender a lidar com frustração, medo e insegurança. Tudo isto faz parte do preparo para a vida: afinal nem sempre se ganha, é preciso saber vencer e perder.

## II. O ENSINO DOS ESPORTES E SEUS PROBLEMAS

Atualmente, o que observamos no ensino dos esportes nas aulas de Educação Física escolar é, na maioria das vezes, um descompromisso do professor com qualquer tipo de pedagogia. As aulas viraram apenas um espaço para a prática do esporte, para os que já sabem. Os que não sabem, porque não tiveram oportunidade de aprender esta prática corporal, não conseguem participar da aula e ficam apenas observando ou simplesmente se ausentam das aulas de Educação Física.

Então, o que se observa é uma ausência total de pedagogia ou conhecimento ou um conteúdo limitado ao aspecto meramente técnico do esporte. Segundo Salles Filho (1994), nos dias atuais, podemos dizer que existem dois tipos de procedimento do professor de Educação Física em relação ao ensino do esporte escolar. De um lado, profissionais que conduzem sua prática pedagógica observando atletas, como se fossem apenas máquinas de encestar, cortar e correr, e não como alunos com limitações e sentimentos. De outro lado, profissionais de conduta oposta à dos primeiros, e que portanto, acreditam que seus alunos nunca precisarão do esporte, e então os deixam livres para jogar o que e como quiserem, uma vez que a participação, seja como for, é o que consideram o mais importante. Acreditamos, no entanto, que estas condutas do

professor de Educação Física frente ao ensino dos esportes não devam ser perpetuadas, demonstrando a necessidade de buscar um tratamento pedagógico adequado. Afinal, como comenta Mahlo (s.d., p.14):

“Uma Educação Física científica não pode continuar a contentar-se com a situação de os alunos serem acumuladores de experiências, jogando espontaneamente, sem direção, nem orientação pedagógicas”.

Portanto, o que devemos procurar é que os alunos tenham condições de aprender nas aulas e não que se tornem apenas máquinas de jogar ou meros participantes alienados. Certamente não pretendemos negar que existam também professores interessados em que os alunos aprendam as modalidades esportivas. Contudo, o que vemos frequentemente é o ensino basear-se, exclusivamente, nos movimentos técnicos dos esportes, ensinando-se o *como* (técnica) deve ser feito sem se tratar do *porquê* (tática) é feito desta ou daquela maneira. Em seguida, parte-se para a prática esportiva propriamente dita, como se apenas isto fosse necessário não só para a compreensão deste fenômeno social como também para o seu aprendizado.

O resultado deste tipo de ensino não é muito diferente do citado anteriormente. Como se exige a técnica específica para a execução do movimento esportivo, e por ser um movimento altamente sofisticado e difícil de ser executado com perfeição, as crianças com pouca habilidade não conseguem aprender o esporte e acabam se afastando das aulas, ficando, novamente, apenas os mais habilidosos. Consequentemente, além de impedir que se crie o interesse por parte dos menos habilidosos, esta metodologia acaba também por promover o surgimento de sentimentos de exclusão, inferioridade e frustração.

Acreditamos que neste ponto, nos primeiros anos do ensino fundamental, a técnica pura e simples, mesmo tendo a sua importância, não deveria ser a maior preocupação do professor, mas sim o estímulo ao pensar e ao lado crítico dos alunos. Bracht (apud Faria, 1997), comenta que o ensino dos esportes nas escolas valoriza excessivamente as regras, fazendo com que estas sejam aceitas sem questionamento ou reflexão, conduzindo à acomodação. Portanto, além do aspecto de aprender como fazer e porque fazer, não podemos nos esquecer do estímulo à discussão e ao questionamento.

A falta de uma pedagogia adequada acaba por favorecer, por vezes, distorções frequentes na prática do ensino esportivo escolar, no qual o aspecto técnico tem um peso excessivo, transformando o esporte

num fator de exclusão dos menos aptos. Faria (1997, p.325), afirma que o ensino dos esportes deve ser debatido de modo a evitar a transferência para a escola de normas e valores sociais impostos por essa prática, introduzindo *“a competição exacerbada e a exclusão do mais fraco, da mulher, do menos habilidoso, do gordinho, entre outros”* .

Afinal, por que o esporte deveria ser ensinado de forma diferenciada das outras disciplinas escolares? Como discutido por Mendonça (1997), as aulas de Educação Física não deveriam estar voltadas apenas para os alunos mais habilidosos, mas o conhecimento ministrado dentro destas aulas na escola deveria ser orientado a todos os alunos, indistintamente, como ocorre nas outras disciplinas.

Constatamos, entre vários autores, uma frequente preocupação com o direcionamento das aulas para o aspecto de rendimento atlético, o que poderia levar os alunos a práticas frustrantes e discriminatórias. Kunz (1994) alerta para o fato de que enquanto o esporte ensinado nas escolas representar apenas uma cópia irrefletida do esporte competição ou de rendimento, o resultado só pode levar a experiências de êxito para poucos e de fracasso para muitos.

Alves (1997) afirma que, na escola, o Esporte tem se resumido a assimilar as “regras do jogo capitalista”, em que se procura selecionar talentos, discriminando os menos habilidosos, numa luta descomedida

por medalhas, até mesmo corrompendo princípios éticos pela exclusão de conteúdos nas aulas.

Santos Júnior (1997) também observou que foram trazidas para as aulas de Educação Física as normas do esporte de alto rendimento. Na opinião deste autor, o ensino deste tema da cultura corporal na escola vem seguindo orientações teórico–metodológicas voltadas principalmente para objetivos de desempenho e rendimento. A meta principal seria apenas a aptidão física, na qual somente os aspectos técnicos e competitivos do esporte prevaleceriam nas aulas.

Além da frustração e exclusão de alguns alunos, observa-se ainda que este tipo de direcionamento acaba gerando desinteresse pelo aprendizado do esporte, por se valer de uma prática de ensino imposta, repetitiva e conseqüentemente maçante. Então, como observa Freire (1998, p.8), este tipo pedagogia *“sem dúvida também ensina habilidades para o esporte, mas se a pessoa não gosta do que está fazendo, por qual motivo incorporaria essa prática aos seus hábitos de vida?”*

Contudo, parece-nos que o direcionamento do ensino para o rendimento, não seria o principal problema. Embora acreditemos que o ensino dos esportes possa ser algumas vezes norteados por este aspecto, concordamos com Paes (1996, p. 28) quando ele afirma:

“não compreendemos existir na escola preocupação com o esporte de alto nível, uma vez que a maioria das escolas, especialmente aquelas da rede pública, não possuem sequer espaço físico adequado, material didático e professores com competência para tratar o esporte nessa dimensão”.

Outro problema é o planejamento destas aulas. Fica evidente que raramente se leva em conta a faixa etária dos alunos (aulas iguais para várias séries), suas capacidades e diferenças (todo mundo deve executar o movimento técnico da mesma maneira), e suas dificuldades (exercícios bastante complexos para alguns). Paes (1996) afirma, por exemplo, que o ensino do esporte na escola pode ser tratado de duas formas. Na primeira, o esporte apresenta-se como um conteúdo com um tratamento pedagógico e o seu ensino, em especial no ensino fundamental, leva em conta as necessidades e possibilidades dos alunos de cada série. Na segunda, observa-se uma prática esportivizada, que se manifesta como uma atividade estéril e sem preocupação com a formação do aluno. Ela é caracterizada pela repetição das mesmas práticas em todas as séries do ensino fundamental, impedindo que haja progresso de uma série a outra,

aumentando-se assim o caráter excludente deste tipo de ensino, e conseqüentemente o desinteresse dos menos aptos pelo esporte.

Alguns autores, para contornar o problema da exclusão, propõem meios para que todos os alunos possam ser incluídos e assim tenham garantida sua participação nesta atividade da cultura corporal. Dentre as sugestões encontramos, por exemplo, a criação de jogos simplificados do esporte, para que todos possam jogar (“jogo possível”); ou ainda, a condução do ensino para outras perspectivas de tratamento didático do esporte, tal como a discussão deste enquanto fenômeno histórico e social, o que também garantiria a participação de todos.

Embora não pretendamos descartar os meios citados, uma vez que o jogo simplificado não é apenas e tão somente uma atividade em grupo em que todos participam, mas é também um meio importante para o ensino, acreditamos que somente desta maneira não será resolvido o problema principal, o aprendizado do “jogar” o esporte. Se ficarmos apenas no jogo possível, todos jogarão mas não estarão necessariamente jogando o esporte.

Também concordamos quanto ao ensino dos outros aspectos que englobam a cultura esportiva, para que o aluno não apenas participe dessa cultura corporal, mas o faça autonomamente, praticando o esporte nas suas horas de lazer e também consumindo criticamente o esporte

espetáculo (Betti, 1991). Mas o aluno, provavelmente, somente participará plenamente dessa cultura corporal se conhecer o esporte na sua totalidade, conhecimento este que engloba a sua prática.

### III. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA O ENSINO DOS ESPORTES COLETIVOS NA ESCOLA

Após esta breve discussão sobre como anda o ensino dos esportes na escola fica a pergunta: como mudar essa situação? Como fazer para que todos aprendam e adquiram conscientemente esta prática corporal e que esta não fique restrita apenas a uma minoria, os mais aptos para o esporte? Ensinar esporte a todos é uma missão complexa, principalmente pela falta de uma pedagogia adequada, porém não é impossível.

Freire (1998) comenta que ensinar é uma tarefa difícil, não importando se o tema é Futebol ou Matemática, exigindo organização, experiência prática e teórica, técnicas, escolhas, exigindo, enfim, método.

Para começar, antes do como se ensinar, precisamos apontar e discutir o quê deve ser ensinado, ou seja, os componentes necessários para a prática do esporte. Especificamente para as primeiras séries (1ª à 4ª) do ensino fundamental, fase do ensino escolar de nosso interesse principal, acreditamos não ser adequado o ensino já tipificado das modalidades esportivas mas sim o ensino dos princípios comuns aos esportes coletivos com bola. Assim, futuramente o aluno poderá

transferi-los para qualquer modalidade esportiva coletiva, evitando a especialização precoce (Bayer, 1994; Grupo de Estudos, 1997).

No entanto, tradicionalmente, os componentes ensinados nas aulas de esporte se resumem às técnicas específicas de cada modalidade, como já foi citado anteriormente. Acreditamos que este aspecto seja insuficiente para que o aluno aprenda o esporte na sua totalidade. Para tanto, devemos levar em consideração três fatores para resolver uma situação de jogo: a percepção, a solução mental e a solução motora. Em geral, a maior preocupação tem sido apenas com a solução motora, como se esta englobasse as duas anteriores. Consideramos, porém, que todos os fatores são importantes e devem ser trabalhados já desde as séries iniciais do ensino fundamental.

Garganta (1995) propõe que no ensino do esporte coletivo, este não deva ser decomposto em elementos técnicos, mas em unidades funcionais (a ser discutido mais adiante), que garantam ao aluno a compreensão da lógica do jogo. Dessa forma, as técnicas surgirão em função da tática, de forma orientada e provocada, uma vez que é a tática que dá sentido à lógica do jogo, e não a técnica. Mahlo (s.d.) afirma que o ato tático é um ato orientado e consciente e que consiste em resolver, de modo prático e dentro das regras, um grande número de problemas

que surgem em diferentes situações de jogo. É completa, ainda, salientando que o ensino não deve se limitar a uma aprendizagem do pensamento tático, mas também a desenvolver todos os fatores contidos na prática esportiva.

E quais seriam esses fatores (ou componentes)? Utilizando como base considerações de alguns autores (Mahlo, s.d.; Bayer, 1994; Grupo de Estudos, 1997; Grupo de Estudos, 1998) sugerimos os seguintes:

**1. Percepção**

- 2. Solução mental**
- Pensamento tático
  - Conhecimento tático

- 3. Solução motora**
- Qualidades físicas
  - Habilidades específicas (técnica)

- 4. Fatores psíquicos**
- vontade/motivação
  - concentração
  - espírito coletivo.

A seguir discutiremos mais detalhadamente cada um destes fatores.

## **1. Percepção**

O primeiro problema que se apresenta numa situação qualquer no esporte é o da sua percepção. E isto não significa apenas observar, mas separar aquilo que é essencial, de abstrair o desnecessário e de fazer isto no mais breve espaço de tempo possível. Como comenta Kornilov (apud Mahlo, s.d., p.76):

“O dom da observação é a capacidade de descobrir nos objetos e nos fenômenos o que não aparece, ou aparece muito pouco, mas que, apesar de tudo, é essencial e interessante, seja qual for o ponto de vista. Um traço característico do dom da observação é também a velocidade com a qual este pouco aparente é apreendido”.

Para que haja qualidade na percepção do jogador, deve-se começar com a percepção do espaço, dos movimentos da bola e dos outros jogadores (parceiros e adversários). Depois, a percepção da situação dinâmica das distâncias, desvios e velocidade, tanto da bola como dos jogadores. Para passar para o passo seguinte, a solução mental do problema, é necessário então, uma boa percepção da situação.

## 2. Solução mental

### - Pensamento tático:

Bayer (1994, p.65) defende para o ensino dos esportes coletivos uma Pedagogia das Intenções, que se constitui num tipo de pedagogia que solicita ao máximo os poderes decisórios do aluno, a sua reflexão tática. Desta maneira ocorre “(...) a revalorização da criança enquanto ser que age, enquanto produtor do seu jogo e construtor do seu futuro” .

Apesar da necessidade de uma boa percepção e de ser imprescindível o ensino de habilidades motoras, acreditamos que seja este o principal aspecto a ser trabalhado com os alunos no ensino dos esportes coletivos. Afinal, é a partir deste, compreendendo as razões de fazer determinado movimento, que o aluno atuará de forma autônoma e criativa, ao invés de simplesmente reproduzir gestos esportivos. A esse respeito Mahlo (s.d., p. 87) observa: “*A forma superior do ato tático caracteriza-se pela importância da sua componente intelectual, por um pensamento criador e autônomo*”.

### - Conhecimento Tático:

Tão importante quanto criar novas maneiras de solucionar os problemas impostos por uma dada situação é já possuir ou atualizar um certo número de soluções para resolvê-los. Isto fará com que a resposta seja mais rápida, e possivelmente com uma execução mais correta, por já ter sido experimentado outras vezes, fator extremamente significativo para se obter sucesso numa jogada, por exemplo. Por isto, no ato pedagógico é importante oferecer meios para que o aluno ponha em prática esses conhecimentos já adquiridos e os atualize para situações novas.

Vale a pena ressaltar que a aquisição de conhecimentos táticos nem sempre se dará pela criação do próprio aluno, algumas vezes sendo necessária a intervenção do professor.

Aquí também deve ser ensinada aos alunos a lógica interna comum aos esportes coletivos com bola. Nestes podemos encontrar duas grandes situações: o ataque e a defesa, quando uma equipe está numa situação, automaticamente a outra equipe estará na outra situação. Dentro destas duas situações encontramos basicamente três objetivos antagônicos. Enquanto no ataque os objetivos são a conservação da bola, a progressão dos jogadores e da bola para o alvo adversário e o ataque ao

alvo adversário visando fazer um ponto, na defesa os objetivos são a recuperação da bola, impedir a progressão dos jogadores e da bola para o próprio alvo e a proteção do alvo (Bayer, 1994; Grupo de Estudos, 1998).

### **3. Solução motora**

Este é o aspecto motor da ação do jogo, a parte visível da atividade, o resultado de todos os outros componentes. A nosso ver não é o mais importante, mas sem este é impossível a prática do esporte. Estar motivado, concentrado, com espírito coletivo (estes fatores serão discutidos mais adiante), com uma boa percepção, com a escolha de uma solução motora adequada, não será suficiente para a prática esportiva se o aluno não for capaz de executar o movimento específico solicitado pela situação, seja por não ter aprendido ou por falta de condições fisiológicas ou motoras.

Por isto, é importante, no ato pedagógico, oferecer meios para que o aluno adquira as capacidades físicas e habilidades motoras necessárias para o aprendizado e prática do esporte. São elas: resistência (aeróbica/anaeróbica), força (muscular), velocidade, agilidade, noção de

espaço/tempo (já visto no item da percepção), noção do corpo, equilíbrio, coordenação motora.

Para o ensino das habilidades motoras específicas das modalidades esportivas, também essenciais, propomos o desenvolvimento de níveis de relação (Garganta, 1995) com os elementos que são comuns a todos os esportes coletivos: a bola, um espaço determinado, um alvo a atacar e outro a defender, e a presença de parceiros e adversários. Um exemplo de nível de relação pode ser: eu – bola – alvo. Assim espera-se que o aluno construa seu próprio movimento e não repita apenas um movimento estereotipado, pois, citando Scaglia (1995), uma boa pedagogia não é apenas uma demonstração de gestos para que sejam imitados e automatizados, mas sim um meio que permita ao aluno a descoberta de seu próprio gesto motor, através da possibilidade de exploração.

Desta maneira ainda não há tipificação por modalidade, já que o objetivo nesta fase não é o ensino do Futebol, Basquetebol, Voleibol, Handebol, e sim dos princípios comuns entre os esportes coletivos, como já discutido anteriormente. É lógico que o professor poderá utilizar essas modalidades como exemplos de princípio comum, mas, nesta faixa etária

da qual estamos tratando, sem a preocupação ainda com o gesto técnico específico destas.

#### **4. Fatores psíquicos**

Não é nossa intenção nos aprofundarmos neste tema tão vasto, mas não podemos deixar de mencionar os fatores psíquicos, uma vez que estes influem diretamente nos outros citados anteriormente, e conseqüentemente na atividade em si.

A motivação aponta as razões pelas quais o indivíduo deseja jogar, podendo estas serem positivas ou negativas, cabendo ao professor estimular as positivas e orientá-las da melhor maneira possível. Qualquer atividade exige atos voluntários e portanto a vontade de fazê-los, agindo na utilização de qualidades físicas, concentração e comportamento coletivo, e conseqüentemente no desejo de superar dificuldades. Na concentração temos os processos mentais direcionados para um objetivo e uma ligação entre o sujeito e o objeto. A intensidade da concentração depende deste grau de ligação, criando as condições para que se superem sentimentos como cansaço, nervosismo, agitação. E finalmente, o espírito de equipe em que temos a ligação do indivíduo com o grupo, da ação individual com o objetivo comum, a colaboração.

Todos estes fatores são importantes pela influência que podem ter sobre a qualidade da atividade: “(...) *as forças e fraquezas psicológicas se refletem na qualidade da atividade, e em parte, determinam o sucesso ou insucesso do jogo*” (Mahlo, s.d., p. 137). Além disto, podemos considerar também sua influência sobre o aspecto social e o desenvolvimento do caráter individual, uma vez que “*todo modo ativo de comportamento, quando atinge uma certa constância, é potencialmente um traço do caráter futuro em desenvolvimento*” (Rubinstein apud Mahlo, s.d., p. 138).

Depois de ser discutido o quê deve ser ensinado no conteúdo esportes, resta discutir o como. E aqui a idéia não é apresentar um método de aula pronto, pois não é este o propósito deste trabalho, mas apenas sugerir e discutir formas para que se atinjam os objetivos no ensino dos esportes coletivos, ou seja, para que todas as crianças, e não apenas algumas, aprendam a praticar o esporte.

Para tanto, embora possamos empregar exercícios dirigidos em algumas situações, por exemplo, quando o tema da aula for algo novo como o aprendizado de habilidades específicas (níveis de relação) e estes ainda causarem algum tipo de dificuldade que impossibilite a participação do aluno em alguma atividade um pouco mais complexa,

acreditamos que o meio mais adequado para o ensino dos esportes coletivos nas primeiras séries do ensino fundamental seja a utilização de jogos infantis.

Os benefícios que o jogo proporciona para o aprendizado já foram amplamente discutidos por vários autores. De um modo geral, o jogo permite o desenvolvimento de vários aspectos necessários à formação intelectual e humana do indivíduo, além, é claro, do aspecto físico propriamente dito (Coletivo de Autores, 1992; Schmidt apud Mahlo, s.d.). O jogo poderia servir também como uma *“preparação para os jogos esportivos”* (Mahlo, s.d., p. 160).

Para o ensino e desenvolvimento dos elementos discutidos anteriormente, a utilização do jogo torna-se extremamente útil, já que em qualquer jogo infantil encontraremos sempre mais de um elemento necessário à prática do esporte. Nesta faixa etária (7 a 10 anos) o que a criança mais gosta de fazer é brincar, e se brincando ela tiver a oportunidade de aprender, ela o fará com muito mais entusiasmo, o que facilitará o aprendizado.

Então, levando-se em conta este aspecto, torna-se interessante aproximar o esporte da realidade da criança de forma a desenvolver nela

o gosto e o interesse por ele. Paes (1996, p.113) reconhece no jogo e nas brincadeiras uma forma para o desenvolvimento do esporte, no qual:

“o jogo possível possibilita o resgate de uma cultura infantil no processo pedagógico de ensino do esporte, tornando seu aprendizado uma atividade prazerosa e eficiente no que diz respeito à aquisição de habilidades básicas e específicas”.

Contudo, não é propondo qualquer jogo e deixando que os alunos joguem livremente que estes irão aprender o esporte. Então, quais jogos e de que maneira podemos utilizá-los?

Já em 1796, Guts Muths (citado por Mahlo, s.d., p. 178) revelava este tipo de preocupação quando escreveu: *“Encontraremos neste livro uma grande quantidade de jogos, mas eu rejeitei uma quantidade maior ainda”*. Ele analisou, escolheu e classificou sistematicamente os jogos segundo sua utilidade pedagógica, demonstrando assim a necessidade de haver uma análise criteriosa dos mesmos na sua utilização por parte do professor.

Portanto, é necessário, antes de mais nada, definir os objetivos da aula para a escolha dos jogos. Se o objetivo é, por exemplo, desenvolver

o espírito coletivo e alguma habilidade específica, temos que procurar jogos em que estes dois aspectos estejam presentes. Às vezes, se necessário, modificando e adaptando o jogo para atingir os objetivos desejados.

É importante que se façam algumas interrupções durante os jogos para que haja momentos de reflexão, em que os alunos possam criar e discutir com os outros colegas estratégias para tentar resolver possíveis situações problemáticas de ordem motora ou tática, tanto individuais como coletivas, encontradas durante o jogo. Também é fundamental que o professor participe destes momentos tanto como ouvinte, para identificar, por exemplo, o nível de compreensão tática de determinada situação, como participante das discussões, apontando os possíveis problemas e sugerindo também, quando necessário, soluções. Isto fará com que os alunos pensem taticamente, compreendendo as razões do fazer, e conseqüentemente participem da atividade com mais autonomia e senso crítico.

O jogo mostra-se então um importante e rico recurso pedagógico por seu aspecto multifacetado, pois, ao mesmo tempo em que garante a ludicidade, gerando assim o interesse na criança pela atividade, ele também permite trabalhar em variados níveis de exigência os aspectos psíquicos, motores e intelectuais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um aluno que finalizou o período escolar passou onze anos estudando Matemática, Português, Geografia, enfim, todas as disciplinas escolares e, bem ou mal, saiu da escola sabendo estas disciplinas. No entanto, apesar dele também passar onze anos tendo esportes nas aulas de Educação Física, muitas vezes, este aluno, sai da escola sem ter aprendido este tema da cultura corporal. Podemos dizer que esta falta de aprendizado deve-se à falta de discussões mais aprofundadas que permitam ao Professor desenvolver uma metodologia mais adequada para o ensino dos esportes na escola.

Observamos que embora haja muitas discussões a respeito do tema a contribuição destas ainda é limitada para que se atinja o seu propósito principal, ou seja, que todos os alunos aprendam o esporte.

Considerando estas questões, desenvolvemos a presente monografia, não com o objetivo de propor uma metodologia pronta, o que exigiria mais estudos devido à vastidão do tema, mas sim com o intuito de discutir e levantar sugestões que possam contribuir para o desenvolvimento de novas propostas metodológicas para o ensino dos esportes coletivos nas primeiras séries do ensino fundamental. Para tanto, o trabalho foi dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo procuramos discutir acerca da relevância do ensino dos esportes nas escolas. Notamos que o ensino dos esportes viveu um momento em que foi desaconselhado, principalmente nas primeiras séries do ensino fundamental, por diversos motivos, dentre eles, o seu aspecto excludente e o seu caráter competitivo, considerados prejudiciais ao desenvolvimento humano da criança. Superada esta fase, mostramos que o esporte, em especial o coletivo, é um elemento que pode contribuir de forma positiva para o desenvolvimento intelectual, social e motor das crianças, já nas primeiras séries da escola.

No segundo capítulo discutimos a situação atual do ensino dos esportes na escola. Vimos que este se manifesta por uma ausência total de orientação pedagógica ou por aulas direcionadas somente ao aprendizado dos gestos técnicos das modalidades esportivas. Como resultado temos a exclusão e o desinteresse dos menos aptos à prática esportiva. Constatamos que, embora vários autores tenham apresentado sugestões para contornar estes tipos de situação, estas ainda não solucionam o problema principal, que é possibilitar a todos os alunos o aprendizado do esporte.

E finalmente, no terceiro capítulo, após a fundamentação do momento atual do ensino dos esportes nas escolas, chegamos ao tema principal do presente trabalho. Sugerimos um possível caminho para se

elaborar uma proposta metodológica do ensino dos esportes coletivos nas primeiras séries do ensino fundamental. Discutimos o quê ensinar, ou seja, os conhecimentos que acreditamos que devam fazer parte do ensino dos esportes, onde destacamos a percepção, a solução mental e a solução motora. Também consideramos o como ensinar e sugerimos o jogo como estratégia a ser utilizada, dada a sua riqueza e capacidade geradora de interesse nas crianças.

Podemos dizer que o esporte, para que seja aprendido como parte da cultura corporal por todas as crianças no ambiente escolar e para que seja praticado por elas de forma autônoma e crítica, exige um tratamento pedagógico adequado que englobe todos os seus conteúdos.

Esperamos que, considerados os seus limites, este trabalho possa contribuir para futuras discussões a respeito do tema abordado, e que possa servir como subsídio para auxiliar os professores de Educação Física na elaboração de uma metodologia para o ensino dos esportes coletivos para as primeiras séries do ensino fundamental.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Flávio R. B. Organização e sistematização do conhecimento sobre o conteúdo esporte na escola: o que se faz, o que se diz e o que se propõe em Pernambuco. Anais do X Congresso Brasileiro do Esporte, v. 3, p. 5-12, 1997.
- BAYER, Claude. O ensino dos desportos coletivos. Trad. de Machado da Costa. Lisboa: Dinalivros, 1994.
- BETTI, Mauro. Educação física e sociedade. São Paulo, Movimento, 1991.
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia de ensino de Educação Física. São Paulo: Cortez, 1992.
- FARIA, Eliene L. O esporte na aula de educação física: um fator de inclusão ou exclusão do aluno? Anais do X Congresso Brasileiro do Esporte, v. 1, p. 324-332, 1997.
- FINCK, Sílvia C. M. Educação física e esporte: Uma visão na escola pública. Coletânea do II Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, v. 1, p. 410-412, 1994.
- FREIRE, João B. Educação de corpo inteiro. São Paulo: Scipione, 1989.

FREIRE, João B. Pedagogia do esporte. Coletânea do 3º Congresso Latino – Americano de Esporte, Educação e Saúde no Movimento Humano, v. 1, p. 38-49, 1996.

\_\_\_\_\_. Pedagogia do futebol. Rio de Janeiro: Editora Ney Pereira, 1998.

GARGANTA, Júlio. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos.

In: GRAÇA, A., OLIVEIRA, J. (Orgs.) O ensino dos jogos desportivos. 2ª ed. Porto: Universidade do Porto, 1995.

GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISA EDUCAÇÃO FÍSICA E

CULTURA. O ensino dos esportes coletivos: contribuições de Claude Bayer. Anais do I Congresso Latino-Americano e II Congresso Brasileiro de Educação Motora, p. 332-338, 1998.

GRUPO DE ESTUDOS SOBRE PEDAGOGIA DO MOVIMENTO. O

ensino dos esportes coletivos. Anais do X Congresso Brasileiro do Esporte, v. 1, p. 669-672, 1997.

KUNZ, Elenor. Transformação didático-pedagógica do esporte. Ijuí: editora Unijuí, 1994.

MAHLO, Friedrich. O acto táctico no jogo. Lisboa: Compendium, s.d.

- MARTINS, Marcelo F. B. Prazer de competir: relato de experimentos críticos/sociais na construção de uma metodologia de jogos internos escolares. Anais do X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 1, p. 320-323, 1997.
- MENDONÇA, Gilberto C. de. Educação física: o ensino do futebol na perspectiva crítico-superadora... uma prática possível. Anais do X Congresso Brasileiro do Esporte, v. 1, p. 339-344, 1997.
- MOREIRA, Wagner W. Educação Física na escola de 1º grau: 1ª à 4ª séries. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 7, n. 2, p. 77, 1986.
- OLIVEIRA, Sávio. A. de. A reinvenção do esporte: possibilidades da prática pedagógica. Anais do X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 3, p. 13-20, 1997.
- PAES, Roberto R. Educação física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico do ensino fundamental. Tese de Doutorado – Faculdade de Educação da UNICAMP, Campinas, 1996.
- SALLES FILHO, Nei A. Esportes nas aulas de educação física: produção cultural ou reprodução da sociedade capitalista. Coletânea do II Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, v. 1, p. 427-432, 1994.

- SANTOS JÚNIOR, Cláudio. O esporte na Educação Física: a sistematização na perspectiva crítico-superadora. Anais do X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, v. 1, p.333-338, 1997.
- SCAGLIA, Alcides J. Escolas de esportes: uma questão pedagógica. Monografia – Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, 1995.
- SÉRGIO, Manuel. Para um desporto do futuro. Lisboa: Desporto, 1985.
- TANI, Go et. al. Educação física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.